

## **Netativismo e juventude nas redes sociais digitais<sup>1</sup>**

**Kalyne de Souza Vieira<sup>2</sup>**

**Universidade Federal da Paraíba**

**Claudio Cardoso de Paiva<sup>3</sup>**

**Universidade Federal da Paraíba**

### **Resumo**

Este artigo versa sobre netativismo e juventude. O objetivo é compreender o processo de desenvolvimento do ativismo digital na atualidade e como sua dinâmica é estabelecida a partir das configurações tecnológicas, sociais e culturais da contemporaneidade. A pesquisa aprofundou-se no contexto cultural e social da segunda metade do século XX para compreender as origens da sociedade em rede e da cibercultura. Posteriormente, apresentamos duas ações netativistas juvenis da atualidade para dialogar com a base teórica discutida ao longo do estudo.

**Palavras-chave:** Cibercultura; Ciberespaço; Netativismo; Juventude.

### **Introdução**

Este artigo objetiva refletir sobre os processos comunicacionais desenvolvidos pelos jovens quando estes atores se apropriam das redes sociais digitais para reivindicar seus direitos. O estudo centra-se na expressão do ativismo na contemporaneidade a partir das relações entre os sujeitos, os aparatos tecnológicos e as redes sociais digitais. O estudo parte do pressuposto de que o ciberativismo surge paralelamente à cibercultura e ao ciberespaço. Tendo como pano de fundo a contracultura, o ativismo é uma característica inerente às concepções da cultura digital. Contudo, a partir do avanço tecnológico das últimas décadas, a ação nas redes ganhou novas configurações.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Vigilância, Criptografia, Ativismo e Redes Sociais Federadas, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba e membro do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid). kalynesv@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professor Associado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas – PPGC/UFPB; e Mestrado Profissional em Jornalismo, PPJ/UFPB. Autor dos livros: Dionísio na Idade Mídia. Ed.UFPB, 2010; Hermes no Ciberespaço. Ed.UFPB, 2014. claudiocpaiva@yahoo.com.br

Para compreender o netativismo e sua relação com a juventude, realizamos um breve levantamento bibliográfico sobre as temáticas que permeiam o cenário – ativismo, redes, cibercultura, juventude – a partir de autores como Castells, Jordan, Di Felice, Lemos, Lévy, Malini, Antoun, Silveira, entre outros. Buscamos também entender o fenômeno lançando o olhar sobre duas expressões netativistas juvenis: a fanpage Diário de Classe e a Revolução do Pão de Queijo. O percurso adotado para atender a proposta do estudo partiu de um breve panorama da revolução industrial na era moderna e seu impacto na comunicação até a contemporaneidade. A pesquisa aprofundou-se no contexto cultural e social da segunda metade do século XX para compreender as origens da sociedade em rede e da cibercultura, resgatando noções que ajudam a construir uma interpretação do netativismo na atualidade.

### **A comunicação na modernidade**

A revolução tecnológica trouxe avanços incontestáveis para a comunicação. Apesar das intensas mudanças nas últimas décadas, a evolução dos processos técnicos confunde-se com a origem do próprio homem. Desde os primórdios, nossos ancestrais perceberam que o desenvolvimento da técnica podia aprimorar a relação do homem com seu meio (LEMOS, 2010). A produção de instrumentos e artefatos proporcionou uma nova forma de interagir com o meio ambiente. Com o passar do tempo, a técnica e a tecnologia tornaram-se extensão do homem (McLUHAN, 2002). No entanto, estabeleceu-se uma relação dialógica. O homem tanto produz e altera a tecnologia (ou técnica) como a própria tecnologia altera as formas de habitar<sup>4</sup> do homem.

A imersão do homem no mundo tecnológico ganhou força na modernidade. A revolução industrial representou um marco que gera repercussões até os dias atuais. Método, eficácia e produtividade tornaram-se a tônica da sociedade capitalista. O ambiente de trabalho ganhou novos protagonistas: as máquinas. Mais do que extensão do homem, a técnica passa a assumir também o lugar do homem, gerando impactos drásticos nas formas de trabalho e, conseqüentemente, na sociedade. Na lógica da modernidade, o avanço tecnológico é condição para o desenvolvimento. Essa

---

<sup>4</sup> O pesquisador Massimo Di Felice reflete o conceito de habitar no seu livro *Paisagens Pós-urbanas – o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar* (2009).

perspectiva reverbera para os mais diversos setores. Econômico, social, político, artístico e comunicacional.

Desde a invenção da prensa de Gutenberg, em meados do século XV, o mundo ganhou uma nova dinâmica rumo à modernidade. Afinal, é a partir da publicação e reprodução de livros que o conhecimento conquista espaços até então restritos a grupos de poder como igreja e Estado. A difusão de informação ganhou potência, impulsionando o surgimento de novas formas de comunicação. Dessa forma, a imprensa pode ser considerada um dos grandes precursores do processo de racionalização que caracteriza a era moderna (THOMPSON, 2011).

Se a secularização provoca o declínio do poder da igreja, a imprensa torna-se um dos campos de ascensão do poder da burguesia. A esfera pública burguesa encontra eco na imprensa periódica através dos debates promovidos em torno das publicações (THOMPSON, 2011). Os jornais transformaram-se em arena de reivindicações sociais e políticas de grupos intelectuais e da elite burguesa contra o Estado e as instituições religiosas. No entanto, a lógica do mercado entra em cena. Por refletir os interesses da burguesia, logo a imprensa ganha contornos menos democráticos. A associação entre imprensa e capital produz um cenário promissor para os empresários da mídia. A venda de anúncios, as notícias recomendadas, a vista grossa para assuntos espinhosos passam a fazer parte do processo de desenvolvimento da imprensa durante o século XIX.

Aliada a interesses comerciais, a supremacia da comunicação é conquistada no século XX. Os veículos multiplicaram-se ganhando novos formatos e atendendo públicos específicos. A comunicação de massa foi estabelecida. Mas o trajeto deixou lacunas importantes. A voz dos cidadãos foi reduzida diante dos holofotes da grande mídia. Longe de gerar passividade, a crise estabelecida trouxe à tona tensões para enfrentar os novos dilemas da sociedade contemporânea. Neste cenário, o homem e a técnica abrem espaço de ação em ranhuras deixadas pelo rolo compressor da modernidade. Ironicamente, dentro do cenário de dominação e de controle das pesquisas militares, jovens pesquisadores ligados ao movimento da contracultura americana criaram uma fenda no projeto ARPANet que provocou impactos inimagináveis na sociedade.

## **O surgimento da cibercultura**

O início do século XX trouxe à tona a crise da modernidade. A tensão entre as grandes potências econômicas e políticas na luta por mercados consumidores gerou impactos em todo o globo que culminaram na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. No final da Segunda Guerra, a disputa entre Estados Unidos e a União Soviética provocou uma corrida desenfreada rumo ao domínio tecnológico e, conseqüentemente, à ascensão política e econômica, em meio a Guerra Fria.

Esta disputa fomentou a criação da agência americana ARPA (Advanced Research Projects Agency), em 1958, com objetivo de desenvolver projetos tecnológicos capazes de superar a tecnologia produzida pela União Soviética. Diante do risco eminente de ataques, a agência inicia um projeto de rede comunicação sem centro, autônoma e anônima. Utilizando o modelo de redes distribuídas, elaborado pelo engenheiro Paul Baran, é concebida a ARPANet, o embrião da Internet, no final da década de 1960 (DI FELICE, TORRES, YANAZE, 2012).

A força impulsionadora desses avanços tecnológicos carregava interesses militares. No entanto, nem todos os envolvidos nos projetos da ARPA estavam envolvidos neste jogo. Muitos jovens universitários e pesquisadores não eram favoráveis a Guerra Fria e participavam do movimento conhecido como Contracultura. Esses jovens visionários, que renunciavam a ordem estabelecida, utilizaram seus conhecimentos para hackear o sistema que ajudaram a desenvolver.

Assim, a rede de comunicação distribuída ganhou novos objetivos. Mais que interligar centros militares americanos, a ARPANet poderia reunir pessoas de todo mundo. Liberdade de expressão, livre acesso a informações, compartilhamento, colaboração, participação. Até então utópicos, esses ideais começaram a ganhar corpo a partir da intervenção de jovens cientistas ativistas nos projetos militares. Uma nova era surge. Entre bits e bytes, a era da informação ganha seus primeiros contornos.

A invisível rede de computadores provocou mudanças significativas, estabelecendo uma nova cultura na sociedade: a cibercultura. A cibercultura é resultado dos avanços tecnológicos - informática, cibernética e microinformática -, ocorridos a partir da segunda metade do século XX, e dos seus impactos socioculturais, que provocaram a mobilização social dos primeiros hackers contra os sistemas centralizados, objetivos militares, tecnocracia científico-industrial,

especialistas técnicos (LEMOS, 2010). A cibercultura é uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação (LEMOS; LÉVY, 2010).

Mas é com o surgimento do ciberespaço que a força da cibercultura ganha vazão. O ciberespaço surge em 1984 com a padronização do Protocolo Internet. Este protocolo é resultado de ações desenvolvidas por hackers para democratizar e multiplicar os micro-nós na rede. Até então a Internet tinha uma arquitetura estratificada *peer-to-peer*, cujas conexões aconteciam através de grandes nós (MALINI; ANTOUN, 2013). Neste período a ARPANet foi destinada a fins científicos e foi criada a MilNet para uso militar (LEMOS, 2010).

A partir dessa ruptura, o acesso à internet foi ampliado. Os grupos de discussão em rede atravessam os virtuais muros acadêmicos e conquistam novos territórios. O ciberespaço oferecia o escopo para a cibercultura se consolidar. A fenda no projeto ARPANET fez emergir um território aparentemente mágico. Um ambiente democrático, sem propriedade, sem hierarquias, sem pedágios. Mas a conquista desse território incomodou grandes colonizadores - o poder político e econômico. E mais uma batalha foi travada. Agora com novos personagens, os ciberativistas.

### **Protestos cibernéticos**

O ciberativismo é indissociável do ciberespaço. Afinal, tanto a cibercultura quanto o ciberespaço possuem raízes na atitude contracultural em relação aos imperativos impostos pela industrialização na sociedade, ou seja, a tecnocracia<sup>5</sup>. A pauta de reivindicações apontava para questões contemporâneas. Questiona-se a lógica da especialização que atinge todas as esferas da vida e retira dos indivíduos sua autonomia. A era da engenharia social é colocada em xeque (ROSZAK, 1972).

Apesar das ressalvas relativas aos ideais da contracultura – como o uso de drogas psicodélicas para ampliar o estado de consciência -, é inegável o impacto das ações do movimento para a contemporaneidade, especialmente para a cibercultura e o ciberespaço. Ao contestar a cultura moderna, a contracultura trouxe o desejo de

---

<sup>5</sup> O termo foi utilizado por Theodore Roszak. A expressão refere-se ao apogeu da integração organizacional da sociedade industrial, “na qual o talento empresarial amplia sua esfera de ação para orquestrar todo o contexto humano que cerca o complexo industrial”. (ROSZAK, 1972, p.19)

recuperar a sociabilidade perdida (LEMOS, 2010). Se as propostas da contracultura causavam estranhamento, os métodos para atingir seus objetivos exigiam rupturas das práticas recorrentes de resistência política (ROSZAK, 1972). A revolução cultural entra em cena. Nesta atmosfera, o ativismo ganha uma nova roupagem.

A década de 1960 consolida uma nova fase do ativismo. Questões relacionadas à nação e à raça, que incluem a problemática enfrentada por camponeses e indígenas, por exemplo, ganham fôlego. Os novos movimentos sociais e as premissas da contracultura recuperaram os ideais libertadores. Os cidadãos, especialmente os jovens, rebelaram-se contra os bens de consumo, a carreira profissional, a família nuclear e os interesses do Estado (CAPELLARI, 2008).

Jordan (2002) entende que a gênese do ativismo estaria permeada de transgressão, solidariedade, coletivo e ação. A transgressão é uma ação que rompe com as normas sociais, culturais, econômicas e políticas vigentes com objetivo de transformar a condição social. A solidariedade seria constituída a partir das interações estabelecidas entre indivíduos com os mesmos propósitos transgressores. Este aspecto produz o sentido de coletividade necessário para o movimento ativista ocorrer. Isto porque não basta apenas reunir pessoas, é preciso formar um grupo transgressor coeso e afinado para produzir a ação ativista.

O espírito libertário da contracultura encontra na democratização do conhecimento uma alternativa para combater a tecnocracia. E o caminho para alcançar este objetivo é através da própria tecnologia. Abrir janelas de acesso à informação através da rede de computadores torna-se a meta dos primeiros hackers.

Em geral, na matriz do pensamento hacker está enraizada a ideia de que as informações, inclusive o conhecimento, não devem ser propriedade de ninguém, e, mesmo se forem, a cópia de informações não agride ninguém dada a natureza intangível dos dados. (SILVEIRA, 2010, p. 34)

Através do domínio da linguagem computacional e da microinformática, os jovens hackers desenvolveram hardwares e softwares que viabilizaram a expansão e a troca de informações no ambiente virtual. A primeira e a segunda geração de hackers - década de 50 a 70 – focam seus esforços no desenvolvimento de hardwares e softwares. A partir da década de 80, a cultura hacker ganha um novo campo de atuação: o ciberespaço. Neste novo ambiente ensaiam-se as primeiras manifestações ciberativistas. Os grupos de discussão são o pano de fundo para a disseminação de

informações críticas de regimes políticos, econômicos e sociais. Os debates amplificam vozes marginalizadas - de negros, mulheres, gays, jovens e ambientalistas.

Para o pesquisador Massimo Di Felice, a concepção de ativismo midiático está relacionada à primeira fase do netativismo. Sua origem remonta à década de 1990, quando o conceito de ciberativismo surge para compreender a difusão de informações produzidas por movimentos sociais através da internet. O ativismo era produzido a partir de movimentos internacionais temáticos, operando de maneira semelhante às redes centralizadas (DI FELICE, 2013).

A segunda fase do ciberativismo é inaugurada com as primeiras formas de conflitualidades sociais em rede (DI FELICE, 2013). O grande protagonista deste marco foi o movimento Zapatista<sup>6</sup>, no México, em 1994. O movimento foi o primeiro modelo de protesto global que utilizou a internet para distribuir sua mensagem<sup>7</sup>. A estratégia de comunicação adotada pelos zapatistas ultrapassou fronteiras e atingiu não apenas a sociedade mexicana, mas todo o mundo, colocando o “*grupo local de rebeldes de pouca expressão para a vanguarda da política mundial*” (CASTELLS, 2002, p.104). Di Felice associa esta fase à topologia de redes descentralizadas. Isto porque o autor reconhece o surgimento de diversas formas de conflitualidades originadas nas redes digitais, a partir de ações provocadas por grupos e atores diversos (DI FELICE, 2013). Esta conflitualidade é “*distinta do conflito de classes e das lógicas das disputas políticas institucionais próprias da sociedade industrial – cujo objetivo não é a conquista do poder*” (DI FELICE, 2013, p. 57).

O início do século XXI marca a terceira fase do ativismo digital. O período corresponde ao surgimento da web 2.0, do social network e dos dispositivos móveis. Segundo Di Felice (2013), as novas tecnologias de software e hardware, bem como as redes sociais, provocaram mudanças na conflitualidade informativa-midiática que passaram para formas reticulares autônomas e colaborativas de ativismo.

---

<sup>6</sup> Os zapatistas eram camponeses – a maioria de origem indígena – que foram explorados por colonizadores durante séculos e que lutavam pelo direito à posse de suas terras. Nos anos de 1990, a crise ficou insustentável. A política de liberação da economia mexicana para ingresso no NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) desestruturou ainda mais a frágil economia local. Para conter o acordo, o movimento iniciou mobilizações pacíficas em 1992 e 1993. No entanto, nenhum resultado foi alcançado. Sem alternativas, os zapatistas recorreram a estratégias de guerrilha e iniciaram o “primeiro movimento de guerrilha informacional” (CASTELLS, 2002, p. 103)

<sup>7</sup> Reportagem sobre as Manifestações Neozapatista. Disponível em:  
<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/03/10/manifestacoes-neozapatistas/> Acesso em: 20 jul. 2014.

O pesquisador afirma que o termo ciberativismo é superado neste cenário, já que não há mais a separação entre offline e o online. As ações acontecem nas duas esferas, muitas vezes surgindo no ambiente online, em seguida ganhando as ruas. Para Di Felice (2012), o netativismo expressa melhor a ideia do ativismo conectado e sintetiza os novos aspectos da opinião pública.

Estudos elaborados pelo Centro de Pesquisa Atopos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em parceria com centros de pesquisas internacionais<sup>8</sup>, identificaram características que permeiam as ações netativistas (DI FELICE, 2013):

A primeira característica diz respeito à ecologia das ações e suas múltiplas localidades. Ou seja, as ações originam-se nas redes digitais e seguem para as ruas. Para Di Felice, não há mais distinção entre o mundo real e o virtual e os indivíduos passam a não ser apenas habitantes do território, mas também das redes inteligentes. Esta nova ecologia agrega dispositivos de conectividade, corpos e informações digitais, através de diferentes tipos de atores e interações.

A não linearidade das ações é a segunda característica. Ela resulta da própria dinâmica complexa e volátil das redes digitais e que está submetida ao conjunto de ações de diversos actantes<sup>9</sup>. Dessa forma, entende-se que as ações netativistas não surgem necessariamente no campo político e nem possuem uma ideologia, mas são provocadas por demandas específicas e estabelecem interações e conexões nos circuitos informativos.

Outro ponto apreendido pela pesquisa é a recursividade das ações netativistas. As reivindicações externas evidenciam a expressão de exigências internas e pessoais que provocam alterações na ação e no rumo dos seus resultados. Um quarto aspecto refere-se ao anonimato e a recusa de uma identidade política ou ideológica. Essas características fornecem autonomia e liberdade para o movimento. Isto porque a ausência de líderes e de identidades impede o boicote à ação, tornando-a orgânica e

---

<sup>8</sup> A pesquisa “Net-ativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais” contou com apoio do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (CeaQ), Sorbonne, Paris V; Núcleo Italiano de Midiologia (N.I.M.), Universidade IULM de Milão; Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem (CECL), Universidade Nova de Lisboa. (Di Felice, 2013, p 58).

<sup>9</sup> A Teoria Ator-Rede parte do pressuposto de qualquer coisa, ideia ou pessoa que produza efeitos no mundo, não apenas humanos, mas também dispositivos, são atores (actantes).

autogerenciável. As ações netativistas não habitam o espaço de disputa pelo poder. Não há interesse em assumir o poder institucional e sim atingir demandas específicas.

Essas características e atributos podem auxiliar na compreensão das ações netativistas desenvolvidas em diferentes plataformas digitais. Partindo desta perspectiva, iremos observar alguns aspectos de movimentos netativistas juvenis. Este recorte ganha relevância na medida em que percebemos, no decorrer deste estudo, a peculiar relação entre juventude e ativismo.

### **Netativismo Juvenil**

A juventude enquanto categoria social surge na modernidade, assim como a concepção da infância e da adolescência. De acordo com Groppo (2000), isto é explicado porque o período é marcado por valores universalista e não mais pautados no parentesco. Dessa forma, a transição para a maturidade ocorre em grupos etários homogêneos cujo papel é promover a integração social desses indivíduos. As escolas, as agências juvenis geridas por adultos e os grupos juvenis espontâneos são os principais grupos etários da sociedade moderna (GROPPO, 2000). Cada espaço atende a necessidades e demandas específicas. A escola atende as expectativas do sistema capitalista que é formar mão-de-obra especializada. Já as agências juvenis administradas por adultos buscam integrar os jovens à sociedade. De outro modo, os grupos juvenis informais surgem para reunir jovens a partir de critérios estabelecidos pelo grupo, buscando opor-se aos adultos e aos papéis sociais impostos à categoria.

Castells (2013) ressalta a importância da comunidade para o fortalecimento dos movimentos sociais. Em seu livro *Redes de Indignação e Esperança*, Castells identifica a superação do medo de opor-se ao *status quo* como um dos elementos necessários para a mobilização social. O medo é vencido quando os indivíduos aproximam-se. Dessa forma, as redes sociais digitais potencializam o agrupamento de pessoas seja no ciberespaço ou no espaço urbano. O autor lembra que a origem de um movimento social geralmente está relacionada a um indivíduo. A motivação inicial é emocional. Nasce do desconforto, da inquietação, da não aceitação de um contexto que se transfere para o plano da ação. A atitude não está vinculada a uma estratégia política – que pode ocorrer posteriormente –, mas na superação do medo e no entusiasmo de desafiar poderes.

Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente. (Castells, 2013, p. 157)

Nas redes digitais, os jovens publicam fotos, reconfiguram arquivos multimídia, criam laços afetivos, participam de grupos, enfim, o ciberespaço faz parte de suas vidas. Neste território é possível vivenciar experiências dos mais variados níveis, seja criando montagens divertidas ou participando ativamente de campanhas em prol de uma causa cidadã. Nicholas Negroponte (1995) acredita que os jovens adquirem aprendizados importantes durante suas vivências na Internet. O autor lembra que, apesar de o ensino oferecer significativos aprendizados, boa parte do conhecimento dos jovens é adquirido através da exploração. E este aprendizado ganhou um grande reforço com o surgimento da microinformática e da internet.

Na tentativa de compreender o aporte teórico apresentado sobre netativismo, selecionamos dois casos de ativismo juvenil. Nossa proposta é entender se os referenciais propostos podem elucidar as ações apresentadas, sem, no entanto, encerrar as discussões sobre a temática. Para tanto, analisaremos a *fanpage* Diário de Classe e a Revolução do Pão de Queijo.

A *fanpage* Diário de Classe<sup>10</sup>, da estudante Isadora Faber, 14 anos, é um exemplo de netativismo. Diante da precariedade da Escola Estadual Maria Tomázia Coelho, onde era aluna, a estudante tomou a iniciativa de criar uma página no *Facebook* para denunciar as dificuldades enfrentadas na escola. A ideia foi inspirada no blog *NeverSeconds*, da estudante escocesa Martha Payne.<sup>11</sup>

Em seu livro, Diário de Classe – A verdade, Isadora explica que criou a página para sentir que estava fazendo algo pela educação. Com o celular em mãos, Isadora e uma amiga<sup>12</sup> registraram os pontos que achavam mais precários na escola e iniciaram as postagens. No primeiro dia, 11 de julho de 2012, as garotas publicaram 17 fotos da escola com comentários – portas quebradas, fiação exposta, banheiros sem estrutura,

<sup>10</sup> Endereço eletrônico da *Fanpage* Diário de Classe: <https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>.

<sup>11</sup> A estudante denunciava o descaso com a merenda na escola. Endereço eletrônico: <http://neverseconds.blogspot.com.br/>

<sup>12</sup> Inicialmente, Isadora contou com a ajuda de uma amiga para criar e manter a *fanpage*. No entanto, devido a constante repressão, a estudante abandonou o projeto.

paredes pichadas, merenda, etc.. No dia 13, fizeram três postagens genéricas sobre educação. A *fanpage* contava com 47 seguidores - amigos que foram convidados a curtir a página. As férias escolares iniciaram e a página não foi atualizada<sup>13</sup>.

O retorno às aulas, dia 30, mostrou que a página gerou seus primeiros impactos. A comunidade escolar já estava ciente da existência da página. As estudantes continuaram a publicar denúncias relativas à estrutura da escola, contra o sistema educacional e a conduta de alguns professores. No dia 05 de agosto, a página contava com 98 seguidores e a repressão contra a atitude das aulas começou a ser percebida tanto na escola como nos comentários na *fanpage* (FABER, 2014).

Na véspera do aniversário de um mês da página, as duas estudantes e seus responsáveis foram convocados para uma reunião. O estopim do chamado foi a publicação de um vídeo gravado durante uma aula. No vídeo, os alunos aparecem dispersos e inquietos e o professor nada faz para mudar a situação. Neste dia, a página contava com 108 seguidores. O intuito da reunião foi pedir a retirada da página, pois, segundo a diretora da escola, a instituição estava sendo exposta, assim como os funcionários. A diretora reforçou também a possibilidade de as jovens serem processadas. Diante da irredutibilidade de Isadora, foi acordado que o vídeo seria retirado do ar e, paralelamente, as melhorias solicitadas seriam realizadas. Neste mesmo dia, como medo das ameaças, a amiga de Isadora desliga-se da *fanpage*.

No primeiro dia útil após a reunião, 13 de agosto, foram vistos os primeiros sinais de melhorias. Isadora registrou e publicou os avanços. Contudo, uma nota no jornal sobre a *fanpage*<sup>14</sup>, no dia 14 de agosto, amplificou a situação da escola, provocando mais repressão. Professores e funcionários juntaram-se ao coro pedindo a exclusão da página. As estudantes foram convocadas novamente e dessa vez o alerta de processo foi mais direto.

Se a infraestrutura era corrigida, as denúncias começavam a atacar diretamente a conduta dos professores. O fato gerou polêmica e perseguição na escola. Nas redes digitais, o efeito foi inverso. Quanto mais Isadora produzia denúncias, mais apoio recebia. No dia 22 de agosto, a página contava com 213 seguidores que incentivam a ação através de *likes*, comentários e compartilhamentos.

---

<sup>13</sup> Estas informações foram recuperadas do livro Diário de Classe – A verdade, de Isadora Faber.

<sup>14</sup> Nota da coluna Visor, do Diário Catarinense, publicada no Diário de Classe: <http://migre.me/mjmuw>

Em seguida, em apenas dois dias, o número de fãs triplicou, passando para 600 no dia 24. E os números continuaram a crescer. No dia 26, chegaram a 1.557 seguidores. E no dia 27, a mais de 36 mil. Neste dia, a casa de Isadora foi palco de diversas entrevistas para jornais. O Diário de Classe ganhou o apoio da mídia de massa. No dia 30, a *fanpage* contava com 190 mil seguidores. Atualmente<sup>15</sup>, a página conta com mais de 635 mil usuários.

Estes dados demonstram uma das características apontadas pela pesquisa da Atopos, a não linearidade das ações netativistas. As interações e conexões provocadas pelo conjunto de actantes envolvidos na ação provocam uma dinâmica complexa, que não é capaz de ser controlada. Ou seja, mesmo que instituições legitimadas na sociedade, como a escola, quisessem reduzir a ação de Isadora, seria praticamente impossível. Nesta etapa, já se percebe também a difusão do movimento, que não está localizado em um espaço específico, mas abarca diversas territorialidades.

A ação de Diário de Classe reverberou em escolas de diversas regiões do país. A iniciativa inspirou outros jovens e os ‘Diários de Classe’ brasileiros já formam um grupo com cerca de 100 páginas no *Facebook*. As páginas têm pontos em comum, mas ressaltam as demandas específicas de grupo. Isto demonstra o aspecto da recursividade das ações netativistas. As reivindicações expressam demandas internas e particulares, mesmo que sejam motivadas por questões externas. Assim, o rumo e o resultado da ação não seguem um padrão determinado.

É possível verificar também que não há identidade política, mesmo que o recurso do anonimato não tenha sido utilizado. Com apenas 13 anos, Isadora nem sequer tem direito a votar. As reivindicações são pautadas em interesses particulares – apesar de corresponderem a demandas da comunidade escolar – e não estão submetidas a partidos ou ideologias. Isso lhe confere autonomia e liberdade para agir da maneira que ache mais conveniente. Além disso, não há disputa pelo poder. O objetivo é a efetivação dos direitos reivindicados.

É interessante observar como os movimentos netativistas abarcam múltiplas causas e geram resultados inesperados. Em 2011, o aumento dos preços de alimentos da Cantina Calu, no Colégio Marista Arquidiocesano, provocou uma ação nas redes sociais. O estudante André Périco iniciou o protesto com uma postagem no Twitter,

---

<sup>15</sup> Dado coletado em outubro de 2014.

utilizando a *hashtag* #abaixoocalu. O aluno explicou que sua atitude começou como uma brincadeira, mas a adesão dos outros estudantes fez a campanha tomar grandes proporções<sup>16</sup>. Entre os dias 16 e 17 de fevereiro, o tópico #abaixoocalu foi um dos assuntos mais comentados no *Twitter* brasileiro. O protesto espalhou-se em outros canais como *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*, assim como nos veículos de comunicação de massa. Das redes sociais a mobilização chegou ao pátio da escola. Filmando e fotografando a ação com celulares, os estudantes reuniram-se para exigir a redução de preços. Na noite do dia 17, a escola fez um pronunciamento no *Twitter* apoiando a iniciativa dos estudantes. Após dois meses, o Colégio publicou uma matéria apontando os resultados da campanha<sup>17</sup>.

É possível reconhecer como a ação foi originada em um ponto da rede e ganhou múltiplas localidades em poucas horas. O complexo conjunto de actantes provocou, através de interações e conexões, a propagação da ação sem, necessariamente, estarem atrelados a questões políticas e ideológicas. A recursividade garantiu o engajamento de diversos atores nesse processo. Além disso, foi possível perceber que o movimento não tinha um líder. A queixa gerada pela comunidade escolar ganhou corpo com a ação conjunta dos diversos actantes.

### **Considerações finais**

No ciberespaço, a liberdade de expressão e de comunicação ganham impulsos nunca antes vivenciados na sociedade. Ante a voz dos cidadãos era mediada pelos veículos de comunicação de massa, hoje encontra espaço de vazão nas mídias digitais. O ambiente de rede distribuída da internet garante a autonomia e liberdade aos atores envolvidos nos processos comunicacionais.

Apesar de o potencial comunicacional dos cidadãos ter sido ampliado pelas novas ferramentas de comunicação, há um longo caminho a ser trilhado para garantir o empoderamento midiático da população. A cibercultura oferece condições para uma sociedade mais participativa e democrática, contudo também amplia as diferenças sociais e econômicas entre as classes diante das desigualdades sociais e econômicas.

---

<sup>16</sup> André Périco concedeu entrevista ao Jornal da Globo. A reportagem foi exibida no dia 16/02/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OAFqx4PAas> Acesso em: 28 jul. 2014.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.colegiosmaristas.com.br/marista-arquidiocesano-resultados-concretos-do-abaixoocalu/D132CN33109> Acesso em: 28 jul. 2014.

Há inúmeros entraves a serem superados para melhorar a qualidade democrática da internet e, conseqüentemente, a ampliação e o resultado das ações netativistas. Diversos pesquisadores questionam e refutam teses sobre o potencial o papel salvacionista ao ciberespaço. A crítica está atrelada principalmente ao discurso entusiasmado e não a arquitetura técnica ou a rede como um fator social (GOMES; MAIA, 2008). Entre os desafios à democracia virtual estão: o enfrentamento a políticas governamentais rígidas e monopólios econômicos digitais; a promoção de políticas públicas que desenvolvam a inclusão digital; a implantação de práticas educacionais que ampliem a percepção crítica dos jovens; o desenvolvimento da cultura de participação cívica. É preciso que os sujeitos protagonistas da cidadania e as instituições que os defendem avancem no sentido de impedir todas as formas de dominação que interdita a voz dos oprimidos e buscam cessar a liberdade de expressão e o exercício da democracia plena.

O panorama apresentado no presente artigo reflete nossas impressões sobre o tema netativismo e juventude. Naturalmente, a temática suscita mais aprofundamento teórico e reflexões sobre os processos de comunicacionais desenvolvidos por jovens nas redes sociais, quando estes atores se engajam em movimentos ativistas na internet.

## **REFERÊNCIAS**

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)**. 2008. 256 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Julliana C.; YANAZE, Leandro K. H. **Redes digitais e sustentabilidade: as interações com o meio ambiente na era da informação**. São Paulo: Annablume, 2012a.

DI FELICE, Massimo. **Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais**. Revista FAMECOS, v. 19, p. 27-45, 2012b.

DI FELICE, M. **Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. Revista Matrizes – USP. v. 7, n. 2, p. 49-71. 2013.

FABER, Isadora. **Diário de Classe – A Verdade**. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2014.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. **Comunicação e democracia: problemas e perspectiva**. São Paulo: Paulus, 2008.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

JORDAN, Tim. **Act Activism!: Direct Action, Hacktivism and the future of society activism!**. London: Reaktion Books, 2002.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

McLUHAN, Marshall (1964). **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix, 2002.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAIVA, Claudio Cardoso de. **Hermes no Ciberespaço**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2014. Disponível em: <http://migre.me/mnDvV> Acesso em: 22.10.2014

ROSZAK, Theodore. **Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**. Petrópolis, Vozes, 1972.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, n. 86, p. 29-40, ago./out. 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.